

Traslado de volta

Paulo Mortari

(Movido pela história de María Asunción A. N.)

Nem sempre fora assim, mas, a certa altura da história, as duas margens de um rio de sentido austral passaram a ser esquerdas. Isso fazia com que quem se abeirasse do leito pudesse parecer vir do Leste mesmo quando nunca tenha fincado pé em paragens de tal rumo. Ao ter margens que não se opunham, desconhecia limites a voracidade desse rio, especialmente pelos que ousavam atravessar o curso imposto.

Era um dia de outubro quando dois pescadores avistaram no horizonte lentas ondulações na superfície carregando em sua direção o menor corpo de adulto que já haviam visto. Não era incomum, naqueles tempos, que o rio devolvesse à terra os corpos que tragara e silenciara em seu calado. Alguns deles, inclusive, foram retirados da água por esses próprios pescadores. Mas um corpo daquele tamanho, de fato, surpreendia, e tão inédito quanto foi constatar que havia nele vida.

A princípio, aparentava-lhes uma figura demasiado apequenada e emaciada para ser humana. Sua altura e peso correspondiam aos de um bebê recém-nascido prematuro, mas sua forma e feição eram de uma jovem mulher, como alguém que, antes mesmo de qualquer passo que pudesse dar neste mundo, já sustentasse o desgaste de quase três décadas de caminhada. O que nela contrariava os ditames da natureza, afinal, não era sua estrutura física, mas o martírio. Demasiado apequenada e emaciada se via, mas inegavelmente humana. Quiçá demasiado humana, justamente por tão apequenada e emaciada.

Foi o pescador mais moço que a teve nos braços primeiro. Estava envolta em um manto azul da cor do céu daquela segunda hora de luz matinal. Aparecida com vida, depois de tantos já completamente abatidos; um verdadeiro milagre, para fazer crer que, apesar de toda injustiça e desfortúnio, ainda valeria a pena seguir em frente. Emocionado, o rapaz decidiu consigo mesmo chamá-la de Maria, até que descobrisse seu nome verdadeiro.

Jamais, porém, o saberia. Maria, mesmo após recobrar totalmente a lucidez, limitou-se a dirigir àqueles homens apenas o seu olhar, carregado de uma ternura sem par. Não emitiu sequer uma palavra, talvez por saber que nada seria mais eloquente do que o próprio ato de estar viva.

Sua carne trazia ferimentos horríveis, visíveis no tronco e em quase todos os membros. Os pescadores, assim sendo, levaram-na para seu casebre e ali cuidaram dela. Alimentaram-na com peixe fresco e a acomodaram em um quartinho improvisado. Cairia de sono, exausta, em poucos segundos.

Oito horas depois de ser encontrada no rio, Maria sumiria de vista. Nos dias que se sucederam, os pescadores percorreram quilômetros e quilômetros atrás de sinais de seu paradeiro. Mesmo quando as buscas se provaram inúteis, passavam tardes inteiras olhando para o rio, na esperança de que a aparição se repetisse. Tudo o que viam, no entanto, eram mais corpos de adultos trazidos pelas mesmas ondulações na superfície, incluídos até alguns pequeninos e emaciados, sempre de mulheres, mas, a exemplo dos demais, nunca de Maria, nunca com vida.

Mais uma desaparecida. E, sem ela, pescaria nenhuma poderia fazê-los suportar conviver com a multiplicação de mortos que o rio anunciava com frequência, de modo que, em poucas semanas, os pescadores também deixaram aquele lugar.

Quarenta e quatro anos mais tarde, os dois, já senhores e sem varas e redes nas mãos, caminham pelo lado menos tumultuado de uma avenida com duas calçadas esquerdas – o que tampouco foi sempre assim. No outro lado, rodeado de milhares de entusiastas em frenesi, discursa um novo caudilho velho. Escorrendo pela verborragia, os dois ex-pescadores reconhecem o rio de outrora. Não demora muito para virem os corpos, como aqueles que, em seu tempo, retiravam da margem onde trabalhavam em cada manhã. A multidão, deleitosa, se banha nesse rio sem se importar com os mortos que emergem à sua volta aqui e ali. Nas palavras de ordem que entoam, o curso d'água encontra afluentes. Em instantes, à semelhança de seu capitão, já salivam aquele rio, com um apetite desumano por carne de gente desumanizada. Não percebem que a via de margens só esquerdas já está com as águas por suas cinturas.

Os dois senhores, ali, nadam contra a correnteza. Ao fazê-lo, terminam, eles próprios, na boca do caudilho, um poço escuro, onde herdeiros e herdeiras das apequenadas descobrem o túmulo vazio de suas antepassadas. Enquanto isso, lá fora, um verdugo ausente recebe sua condecoração verbal, tendo de fundo uma figura sacra, envolta em um manto azul e do tamanho de um bebê recém-nascido. Maria, um dia, lembrava essa imagem. A imagem, porém, não lembra Maria. Assemelha-se mais aos corpos sem vida que continuam a emergir nessa avenida tão marginal.



Foto: Paulo Mortari

Após o ato, um lacaio do caudilho recolhe a imagem e a leva consigo a um avião que os espera para um traslado. Na sequência, o que se vê é uma santa elevando-se às alturas, mas forçosamente, antes de ser abandonada na direção das águas que dizem refletir o céu. Em algum momento, será encontrada, não mais por pescadores, senão arqueólogos, quando este rio já tiver secado. E é certo que secará. E a imagem, talvez, sairá engrandecida. Talvez também com vida. Como Maria.